

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 30/01/2019.

RAPHAEL RODRIGUES SANCHES

**SOBRE O ANTI-HUMANISMO EM MICHEL FOUCAULT E B. F.
SKINNER**

**ASSIS
2017**

RAPHAEL RODRIGUES SANCHES

**SOBRE O ANTI-HUMANISMO EM MICHEL FOUCAULT E B. F.
SKINNER**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista para a obtenção do título de
Doutor em Psicologia (Área de conhecimento:
Psicologia e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo

Bolsista CAPES

**ASSIS
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

S211s Sanches, Raphael Rodrigues
Sobre o anti-humanismo em Michel Foucault e B. F. Skinner / Raphael Rodrigues Sanches. Assis, 2017.
134 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Dr José Sterza Justo

1. Psicologia. 2. Behaviorismo (Psicologia). 3. Genealogia.
4. Foucault, Michel, 1926-1984. 5. Skinner, B. F. (Burrhus
Frederic) 1904-1990. I. Título.

CDD 150.1952

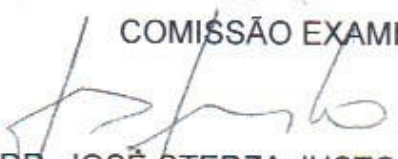
RAPHAEL RODRIGUES SANCHES

SOBRE O ANTI-HUMANISMO EM MICHEL FOUCAULT E B. F. SKINNER

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para
obtenção do título de Doutor em
PSICOLOGIA. (Área de Conhecimento:
PSICOLOGIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 30/01/2017

COMISSÃO EXAMINADORA



PRESIDENTE: PROF. DR. JOSÉ STERZA JUSTO - UNESP/ASSIS



MEMBROS: PROF. DR. LUIZ CARLOS DA ROCHA - UNESP/ASSIS

PROFA. DRA. JULIA ZANETTI ROCCA - UFMT/RONDONÓPILIS



PROF. DR. EURÍPEDES COSTA DO NASCIMENTO - ASSIS/SP



PROF. DR. PAULO VICTOR BEZERRA - UEL/LONDRINA

DEDICATÓRIA

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

A José Sterza Justo por sempre ter fornecido, além das contribuições intelectuais, um modelo de ética nas relações profissionais e interpessoais.

A Cristina Amélia Luzio por ter me auxiliado com os primeiros passos desse estágio de minha vida e ter ajudado a escolher meu caminho

Aos membros das bancas de qualificação e defesa, Luiz Carlos da Rocha, Julia Zanetti, Paulo Victor Bezerra, Eurípedes Costa do Nascimento pelas argutas e imprescindíveis contribuições para a execução deste trabalho.

Ao Justo, novamente, pela generosa arguição na defesa.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação, Marcos, Zanette, Sueli e Lucilene, por sempre estarem disponíveis para resolver todos os problemas.

Aos amigos, incluindo os já citados (é difícil citar todos sem cometer uma falta), pelo apoio e companharismo.

A Dani, por toda colaboração e incentivo. Sem dúvida, esse trabalho não seria possível sem sua generosa ajuda.

A CAPES pelo apoio financeiro, indispensável para a realização dessa pesquisa.

Talvez o senhor possa inclusive explicar um pouco a maneira mais ou menos behaviorista com que o senhor Foucault trabalha recentemente.

Fons Elders (FOUCAULT, 1974/2006a, p.108)

SANCHES, Raphael Rodrigues. **Sobre o anti-humanismo em Michel Foucault e B. F. Skinner**. 2017. 134f. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

RESUMO

B. F. Skinner se dedicou a construir a filosofia e a ciência do comportamento humano sem recorrer a unidades essenciais do sujeito, como mente ou personalidade; enquanto Foucault se ocupou em descrever a história da constituição dos saberes/poderes científicos e suas relações com os modos de subjetivação da sociedade ocidental moderna. Contudo, apesar dessa marcante diferença de objetos e métodos, parece haver uma afinidade genérica entre os dois autores, a crítica aos pressupostos humanistas de sujeito autônomo ou de natureza humana como fundamentos explicativos da conduta humana, crítica que vem sendo denominada na literatura como anti-humanismo. Nesse sentido, tomando o anti-humanismo por fio condutor, a proposta do presente trabalho foi a de promover um diálogo entre os pensamentos de Foucault e Skinner no que tange às suas concepções sobre o conhecimento (saber em Foucault), e a determinação da subjetividade, bem como das condutas humanas em geral; temas tradicionalmente abordados pela filosofia e pela psicologia segundo os pressupostos humanistas descritos. A investigação chegou aos seguintes resultados: (i) Com relação ao conhecimento, ambos autores rejeitam as teorias tradicionais que o concebem como uma relação sujeito/objeto dada de antemão. Skinner analisa o conhecimento como comportamento, cuja explicação deve ser a mesma de qualquer outro comportamento operante; e, segundo a interpretação utilizada neste trabalho, adota uma ontologia relacional, o que limita a realidade ao comportamento. Acrescidas às considerações ontológicas, a concepção do comportamento verbal como não referencialista afasta por completo a compreensão da verdade como correspondência com a realidade. Foucault, por seu turno, analisa a produção de saberes como fruto das formações discursivas e extradiscursivas de determinando estrato histórico. As formações discursivas determinam tudo o que pode ser percebido e dito em determinada época. Nesse sentido, Foucault cunhou o termo ontologia do presente para designar a determinação histórica de todas as possíveis relações de conhecimento. (ii) Quanto à determinação da conduta humana (incluindo a subjetividade e a ética), os dois autores concordam que são ambientais, dadas no caso de Foucault pelas relações de poder e, para Skinner, pelas relações de controle (que incluem variáveis ambientais não sociais). O comportamento ético, ainda que encarado como autocontrole, tem suas determinações nas práticas culturais para ambos pensadores. As formas de análise de controle social dos autores apresentam convergências significativas por evitarem um nível de exame supraindividual, bem como por conceberem o surgimento e transformação das práticas culturais de controle tomando por princípio explicativo suas consequências sociais.

Palavras-chave: psicologia; behaviorismo (comportamentalismo); genealogia; Michel Foucault; Burrhus Frederic Skinner.

SANCHES, Raphael Rodrigues. **On anti-humanism in Michel Foucault and B. F. Skinner**. 2017. 134f. Thesis (Doctorate in Psychology). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

ABSTRACT

B. F. Skinner devoted himself to constructing the philosophy and science of human behavior without resorting to essential units of the subject, such as mind or personality; while Foucault was concerned with describing the history of the constitution of scientific knowledges/powers and their relations with the modes of subjectification of modern Western society. However, in spite of this marked difference of objects and methods, there seems to be a general affinity between the two authors, i.e., the critique of the humanist assumptions of autonomous subject or of human nature as explanatory foundations of human behavior, a criticism that has been called in the literature as anti-humanism. In this sense, taking the anti-humanism as a guide, the purpose of the present work was to promote a dialogue between Foucault's and Skinner's thoughts on his conceptions of knowledge, and the determination of subjectivity, as well as human behavior in general; themes traditionally analyzed by philosophy and psychology according to the humanist presuppositions described. The research has arrived at the following results: (i) Regarding knowledge, both authors reject the traditional theories that conceive it as a given subject/object relationship previously structured. Skinner analyzes knowledge as behavior, then the it's explanation must be the same as any other operant behavior; and, according to the interpretation used in this work, adopts a relational ontology, which limits reality to behavior. Added to ontological considerations, the conception of verbal behavior as non-referentialist, completely removes the understanding of truth as correspondence with reality. Foucault, in turn, analyzes the production of knowledge as the product of the discursive and extradiscursive formations of the historical stratum. Discursive formations define everything that can be perceived and said at a given time. In this sense, Foucault coined the term ontology of the present to designate the historical determination of all possible relations of knowledge. (ii) Regarding the determination of human behavior (including subjectivity and ethics), the two authors agree that they are environmental, given in the Foucault thought by power relations and, for Skinner, control relations (which include non-social environmental variables). Ethical behavior, though viewed as self-control, has its determinations in cultural practices for both thinkers. The ways of analysis of social control present in both authors has significant convergences for avoiding a level of supraindividual examination, as well as for conceiving the emergence and transformation of cultural practices of control taking as explanatory principle its social consequences.

Keywords: Psychology; Behaviorism; Genealogy; Michel Foucault; Burrhus Frederic Skinner.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1 Introdução ao pensamento foucaultiano.....	18
2 Foucault e o “sujeito constituinte”	27
3 Arqueologia e as ciências humanas.....	39
3.1 A posição do sujeito do conhecimento no método arqueológico	39
3.2 As ciências humanas e o nascimento do homem	48
4 Poder e modos de subjetivação	53
4.1 Uma analítica sobre a microfísica do poder	55
4.2 Modos de Subjetivação.....	60
5 Introdução ao behaviorismo radical	66
5.1 Uma definição de comportamento	70
5.2 Modelo de seleção por consequências	75
5.2.1 <i>Nível I: filogênese</i>	76
5.2.2 <i>Nível II: Ontogênese</i>	77
5.2.3 <i>Nível III: Cultura</i>	80
6 Conhecimento, sujeito e mundo.....	82
6.1 O Perceber.....	84
6.2 Comportamento verbal e conhecimento	90
6.3 O que é o conhecimento, afinal?.....	96
7 Controle social e subjetividade.....	98
7.1 Comportamento ético no pensamento skinneriano	109
8 Possíveis diálogos entre Michel Foucault e B. F. Skinner.....	112
8.1 Sobre as condições de possibilidade do conhecimento e as concepções de verdade	112
8.2 Sobre a determinação social da subjetividade e da conduta humana.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	126

APRESENTAÇÃO

Foucault e Skinner nunca se encontraram, embora dividissem, em certo sentido, uma preocupação comum com relação à constituição do homem. Skinner nunca escreveu sobre a filosofia de Foucault e este, mencionou o behaviorismo poucas vezes em sua obra. A análise mais detida que Foucault realizou sobre o behaviorismo se deu em um de seus primeiros textos, intitulado *A psicologia de 1850 a 1950* (FOUCAULT 1957/2006b). A tese apresentada naquela obra é a de que, paradoxalmente, ao perseguir a objetividade no estudo do comportamento, a psicologia se viu forçada a admitir no humano uma realidade outra que não a biológica, esta entendida como um setor da natureza que seria regido por leis naturais passíveis de serem descritas. O fracasso da objetividade científica transposta das ciências naturais em explicar o comportamento humano, ainda segundo Foucault (1957/2006b), teria aberto espaço para uma nova proposição teórica e metodológica, a saber, a de “Tomar o homem não no nível desse denominador comum que o assimila a todo ser vivente, mas no seu próprio nível, nas condutas nas quais se exprime, na consciência que se reconhece, na história pessoal através da qual ele se constituiu”. (IDEM, p. 139). Essa era a exigência presente nas críticas às concepções mecanicistas do behaviorismo watsoniano e da reflexologia de Pavlov, que concebiam os comportamentos complexos (hábitos ou atos¹) apenas como uma sequência de diferentes reflexos (reações aos estímulos físicos presentes no ambiente).

O que está em questão nessas críticas é o sentido ou significado do comportamento, problema colocado anteriormente por Koffka (1935/2013) e depois por Merleau-Ponty (1942/1963) em termos muito semelhantes aos de Foucault (1957/2006b). Problema que em sua forma mais elementar² é o de como dar a unidade dos pequenos gestos que compõe, por exemplo, o ato de beber água senão por sua meta de “matar a sede”. Discussão que repõe para a psicologia a questão –

¹ Conforme Watson (1919), we sometimes use the popular term 'act' or adjustment, meaning by that that the whole group of responses" is integrated in such a way (instinct or habit) that the individual does something which we have a name for, that is, 'takes food,' 'builds a house,' 'swims,' 'writes a letter,' 'talks.'" (WATSON, p. 11 e 12).

² O problema é complexo demais para ser desenvolvido nesse espaço e sua exposição extrapolaria o intuito desta apresentação. Mas a questão é instigante. Certamente, o sentido cultural, simbólico, ou mesmo inconsciente do comportamento humano esta longe de ser contemplado nesse singelo exemplo do ato de beber água. Para uma maior apreciação da temática, recomenda-se a visita à obra *A estrutura do comportamento*. (MERLEAU-PONTY, 1942/1963)

rechaçada pelos behavioristas – do *status* causal da intencionalidade ou da interioridade na explicação dos comportamentos complexos.

Após apontar o fracasso do behaviorismo watsoniano em explicar os comportamentos complexos, Foucault (1957/2006b) apresenta o behaviorismo molar de Edward Tolman como uma evidência do reconhecimento por parte dos próprios behavioristas da necessidade de adotar o sentido como noção explicativa do comportamento. E, de fato, Foucault tem razão, pois Tolman afirma que o comportamento molar, complexo, pode ser entendido não somente como dotado de intencionalidade ou propósito, mas que também seria mediado por “postulações cognitivas” sobre o ambiente, estas formadas por experiências anteriores. (TOLMAN, 1966, p. 51 apud LOPES, 2009). Nesse sentido, pode-se dizer que Tolman inseriu no modelo behaviorista a noção explicativa de sentido, mas não o fez de uma vez por todas, uma vez que ela não aparece nas formulações posteriores, elaboradas por Skinner. Há n’ *A psicologia de 1850 a 1950* a notável ausência de qualquer referência a Skinner ou ao modelo do comportamento operante, modelo que não necessita da noção explicativa de sentido ou intencionalidade e que se apresenta, ao mesmo tempo, como a superação do behaviorismo de Watson e de Tolman.

Foucault escreveu sobre o behaviorismo, mas não sobre o behaviorismo skinneriano. Não fosse esse fato, este ensaio poderia ser melhor pautado. Mas não há porque se explicar o motivo desses dois autores não terem se dedicado a compreender a obra um do outro. Uma explicação caberia melhor caso a situação fosse contrária, pois embora contemporâneos e amplamente conhecidos, é preciso notar que circulavam em universos distintos, com propostas filosóficas e políticas que em muitos pontos podem ser consideradas adversárias. Skinner se dedicou a construir a filosofia e a ciência do comportamento humano sem recorrer a unidades essenciais do humano, como a mente ou a personalidade; e Foucault, a descrever a história da constituição dos saberes/poderes científicos e suas relações com os modos de subjetivação da sociedade ocidental moderna. Skinner queria construir tecnologias científicas para programar uma cultura melhor, já Foucault propugnava uma insubordinação ativa à ciência e ao controle social ou, ao menos, ao controle social como se apresentava naquele momento.

Mas essa marcante diferença entre os autores, se em um primeiro momento não convida, seguramente não impede que se estabeleça entre suas obras um diálogo

instigante, ainda que não se espere de tal diálogo a formação de consensos. Talvez por isso, ainda que haja pesquisas nesse sentido, elas sejam tão poucas e tão localizadas. Na revisão bibliográfica realizada não foram encontrados trabalhos no exterior que estabelecessem alguma comparação entre o pensamento de Skinner e Foucault, e no Brasil foram encontrados apenas três artigos (SÁ, 1983; WEBER, 1989; FLORES et al., 2012). Dentre esses, apenas dois se dedicam efetivamente a apresentar pontos de contato entre os dois autores (SÁ, 1983; FLORES et al., 2012).

O trabalho de Weber (1989) tem o objetivo de apresentar e discutir o conceito de poder na obra de Skinner, recorrendo às conceituações de agências controladoras e utilizando como exemplo o governo e a lei. A menção à obra de Foucault se dá apenas em um momento do texto com o intuito de sinalizar uma possível similaridade entre os conceitos de poder em ambos os autores, a saber, seu caráter relacional e não substancial: tanto para Foucault quanto para Skinner, o poder é compreendido como uma relação entre indivíduos ou entre indivíduos e grupos ou instituições.

Sá (1983) tem por objetivo apresentar algumas possíveis afinidades específicas entre as teorias de Foucault e Skinner, dentre as quais estão os conceitos principais dos dois autores, poder e controle, respectivamente. Seu artigo chega à conclusão de que, apesar da aparente similaridade entre os conceitos de controle e poder, eles não se afiguram como conceitos afins, uma vez que o primeiro foi concebido dentro de uma perspectiva “naturalista, unitária e genérica” (p. 136), enquanto o segundo, partindo de “uma perspectiva histórica pluralista e fragmentária” (IDEM, p. 136). O controle para Skinner seria decorrência de sua hipótese de trabalho, segundo a qual o comportamento como variável dependente é sempre controlado por variáveis ambientais. Enquanto a concepção de poder para Foucault seria caudatária de encontrada na obra de Nietzsche, que vislumbra o devir histórico como uma perpétua disputa de forças. Quanto às afinidades, Sá (1983) destaca quatro: (1) a noção de que o conhecimento – saber em Foucault e comportamento verbal em Skinner – é produto das relações de poder em um caso, e das operações de controle em outro; (2) a utilização, por ambos, de métodos empiristas e a rejeição do raciocínio hipotético-dedutivo; (3) a rejeição da noção de autonomia do sujeito; (4) a utilização de unidades analíticas não essencialistas, poder e controle, para explicar as esferas mais institucionalizadas da sociedade (Estado, economia, religião).

Flores et al. (2012) objetivam discutir a posição do pensamento de Skinner e de Foucault em relação ao que consideram ser uma das quatro características fundamentais do pensamento moderno, a saber, a construção de teorias totalizadoras; o historicismo; a autonomia do sujeito; e formulações sobre a natureza humana. Conforme esse artigo, a principal divergência entre os autores estudados se dá em relação à construção de teorias totalizadoras, dado que Foucault não teria se ocupado em sistematizar um pensamento unificado e de alcance explicativo mais geral - e até se opôs a isso - e Skinner criou sua ciência do comportamento humano com pretensões de explicar não somente o comportamento individual, como o funcionamento das instituições. Com relação ao historicismo, foi destacado que enquanto Foucault rejeita qualquer categoria teleológica, Skinner, apesar de seu pensamento selecionista, se contradiz ao afirmar ser a ciência um modo de conhecimento cumulativo e progressivo. A maior convergência no pensamento dos dois autores se dá, sem dúvida, em relação às suas críticas às noções de sujeito autônomo e natureza humana.

O que a discussão ensejada pelos trabalhos apresentados acima parece apontar é para uma afinidade genérica, a crítica aos pressupostos humanistas de sujeito autônomo ou de natureza humana, da qual afinidades específicas – sujeito como produto do conhecimento e das relações sociais de poder ou controle - podem ser derivadas, ainda que não de maneira direta. As afinidades específicas não são decorrência lógica da postura antiessencialista ou antihumanista de Foucault e de Skinner. Elas parecem ser melhor entendidas como fruto das diferentes opções metodológicas utilizadas por esses autores cujo denominador comum parece ser um ceticismo em relação às ficções explicativas vinculadas a concepções humanistas: o método filosófico-historiográfico de Foucault não é sob outros aspectos comparável ao delineamento experimental de sujeito único adotado por Skinner e suas extrapolações explicativas das esferas institucionais. Assim, ainda que não seja possível afirmar que ambos os autores construíram seus referenciais teórico-metodológicos com vistas exclusivamente a criticar as concepções vigentes de homem, o anti-humanismo parece ser um traço essencial dessas formulações, na medida em que são rejeitadas as explicações essencialistas em prol das relacionais (ou correlacionais).

Reconhece-se a amplitude e a mobilidade da temática humanista e que não é possível reduzi-las às características apontadas acima. O humanismo é um termo demasiadamente genérico e carrega entre seus significados posições tais como a laicidade, assumida pelos dois autores investigados por esse trabalho. Contudo o anti-humanismo como crítica ao humanismo entendido nos termos da fundação de uma interioridade (alma ou psique), da consciência ou razão, da unidade do sujeito e da liberdade fundamental ou autodeterminação, está consagrado na literatura que aborda a obra foucaultiana (PADEN, 1987; HAN-PILE, 2010) e não parece ser contraditório ao pensamento skinneriano, que foi construído como uma crítica a essas características.

Nesse sentido, tomando o anti-humanismo, tal como definido acima, por fio condutor, a proposta do presente trabalho é a de promover um diálogo entre o pensamento de Foucault e Skinner no que tange às problemáticas que seguem o percurso filosófico de Foucault – o conhecimento ou melhor, o saber (sobretudo na arqueologia, mas também na genealogia); e a determinação da subjetividade e da conduta humana pelas relações de poder (genealogia do poder e da ética) – estabelecendo as devidas correspondências na obra de Skinner. Essa estratégia se justifica na medida em que apresentar as diferentes teorias em suas especificidades tornaria o trabalho mais oneroso e menos profícuo. Partir de Skinner e verificar as correspondências em Foucault, por outro lado, seria ainda mais artificial, pois mesmo que Foucault estivesse interessado pela conduta humana, não a investigou pelo viés psicológico.

Dadas essas características, optou-se pela seguinte estrutura de exposição: as temáticas estabelecidas serão desenvolvidas, em separado, nos dois autores. Serão realizadas breves introduções às suas obras e, no caso de Foucault, será exposto, adicionalmente, um capítulo (Capítulo 2) que versará sobre sua produção filosófica “não autoral”. O trabalho “não autoral” de Foucault é relevante na medida em que sua filosofia posterior se encarregará de superá-lo.

O capítulo 1, *Introdução ao pensamento foucaultiano*, trará uma visão panorâmica de sua obra, apresentando sucintamente os três períodos de seu percurso filosófico: arqueologia, genealogia do poder e genealogia da ética. Será dado destaque a sua característica anti-academicista e ao desenvolvimento não linear de um modo de pensamento filosófico não sistemático. Atravessando as diversas

temáticas abordadas por Foucault, a preocupação com a constituição do sujeito na modernidade, aparecerá como traço capaz de dar unidade a essa multiplicidade.

No segundo capítulo, *O sujeito constituinte no primeiro Foucault*, serão apresentados dois escritos foucaultianos da década de 1950, a saber, a *Introdução à Sonho e Existência* de Biswanger (FOUCAULT, 1954/2006c) e *Doença Mental e Personalidade* (FOUCAULT, 1954), nos quais o autor defende a importância, respectivamente, da fenomenologia e do marxismo para um “verdadeiro” entendimento sobre o homem. Essas obras contêm a reflexão foucaultiana sobre o horizonte de pensamento de sua época (fenomenologia e marxismo), que servirá de base para a sua crítica ao humanismo nas décadas subsequentes.

O terceiro capítulo, *Arqueologia e as ciências humanas*, abordará as principais características do pensamento foucaultiano da década de 60. Nesse período, Foucault desenvolveu sua Arqueologia do Saber, um método inusitado para descrever, ou melhor, reescrever a história das ideias, ou como ele denominou, história dos sistemas de pensamento (FOUCAULT, 1970/1996a). A novidade do método consiste em tratar de uma maneira não hierarquicamente distinta e não evolutiva diferentes saberes como os provindos das crenças populares, da literatura, da religião e das ciências. Assim, Foucault traçará uma história descontínua (não evolutiva ou progressiva) dos saberes que não levará em conta os temas das grandes descobertas e os tradicionais problemas relacionados à reflexão do sujeito do conhecimento. A Arqueologia do saber, que será descrita, é um método que pressupõe a produção do conhecimento sem sujeito, regido unicamente por regras discursivas que primariamente se autorregulam, mas que também estabelecem relações com o contexto socioeconômico, externo à produção do saber. Tais relações não são, contudo, a simples expressão ideológica ou científica da dominação de classes, como queriam os historiadores marxistas. Como exemplo da aplicação do método arqueológico será apresentado o surgimento no século XIX do problema em torno do Homem, tal qual desenvolvido em *As Palavras e as Coisas* (FOUCAULT, 1966/2000).

No capítulo 4, *Poder, liberdade e modos de subjetivação*, serão apresentadas as principais características da concepção foucaultiana de poder e de seu método de análise. Não serão abordadas as especificidades dos diferentes poderes estudados por Foucault, a saber, pastoral, soberano, disciplinar e biopoder. Estes aparecerão eventualmente apenas de maneira ilustrativa. O objetivo será, antes, o de mostrar a

conceituação geral do poder e de seu método de análise do qual os diferentes poderes constituem suas formas empíricas. Nesse sentido, recorrer-se-á a obras “teóricas” sobre o poder. Serão elas: *O Sujeito e o Poder* (FOUCAULT, 1982/1995), *Genealogia e Poder* (FOUCAULT, 1976/1979a), *Soberania e Disciplina* (FOUCAULT, 1976/1979b), *Governamentalidade* (FOUCAULT, 1976/2005a), além do capítulo metodológico da *História da Sexualidade I* (FOUCAULT, 1976/1999). As problemáticas a serem desenvolvidas são a relação saber/poder/verdade; o exercício de poder e modo de subjetivação; e poder e resistência. Também será discutida a possibilidade de se pensar uma conduta não submetida diretamente aos controles sociais exercidos pelas diferentes instituições. Em outros termos, tratar-se-á de apresentar uma ética sem sujeito, ou melhor, a formação do sujeito pela prática ética. O Bem para Foucault parece ser a invenção de novas formas de existência, nas quais as “paixões” sejam aplacadas não em nome de uma exigência moral, mas de uma estética da existência. Para essa discussão serão utilizados os volumes *II* e *III da História da Sexualidade* (FOUCAULT, 1984/1998; 1984/2005b).

O capítulo 5 será dedicado à introdução ao behaviorismo radical, discutindo os aspectos apresentados como os traços distintivos entre o que se convencionou chamar de behaviorismo metodológico ou watsoniano e o behaviorismo desenvolvido por Skinner. Não estarão de fora as considerações sobre a postura monista adotada por Skinner, que nega o dualismo cartesiano (mente x corpo) e que permite, assim, o estudo do comportamento humano como um evento natural descrito como uma relação entre o organismo e o ambiente (natural/social) na qual a resposta é função das contingências ambientais (de um conjunto de contingências, de sua história). O comportamento, unidade de análise do behaviorismo, é concebido sem se fazer referência às tradicionais categorias que povoam o ideário humanista, tais como às de volição, espontaneidade e criatividade (como atributo do indivíduo); ou de que o comportamento humano é racional ou guiado por um conjunto de ideias ou crenças. Com relação especificamente ao comportamento humano, será apresentado o modelo de seleção por consequências em seus níveis filogenético (evolução das espécies), ontogenético (história pessoal) e cultural (história cultural). O ser humano é um organismo com uma dotação genética que, ao mesmo tempo, assegura e limita suas condutas; condutas que aprende no decorrer de sua existência e que são prescritas e sancionadas pelas diversas instituições sociais.

Para estabelecer um paralelo entre os conteúdos desenvolvidos em *A arqueologia e as ciências humanas*, no Capítulo 6 – *Conhecimento, sujeito e verdade* – serão expostas as concepções skinnerianas sobre o conhecimento (como relação de conhecer e como produto, como saber fazer). Também será discutida a posição tradicionalmente atribuída ao sujeito do conhecimento nessa perspectiva behaviorista radical. Nos dois sentidos que assume (relação e produto) o conhecimento no behaviorismo skinneriano é entendido como uma ação no/sobre o mundo (ambiente) que deve ser explicada da mesma forma que todo comportamento operante: como uma relação funcional na qual o comportamento é determinado pelo ambiente. O ato de conhecer está subordinado à história de condicionamento individual cuja forma é ditada pela cultura, principalmente ao se restringir o âmbito da análise ao conhecimento como sinônimo de saber, isto é, aquele que se pode acumular e transmitir entre as gerações. Nesse sentido, grande parte do que se reconhece como sendo “o conhecimento” é compreendido como formas de comportamento verbal que somente os seres humanos são capazes de exibir, assim como o são também as manifestações estéticas em geral e o comportamento ético. Como comportamento verbal, o conhecimento, ainda que científico, não descreve as leis da natureza: a lei da gravidade, por exemplo, não governa a queda dos corpos (ou sua mútua atração), mas o comportamento daqueles que são capazes de determinar e prever a posição dos corpos em suas coordenadas espaciais e temporais. E, nesse sentido, se fará mister apresentar a concepção skinneriana de verdade. Tais temas serão abordados tomando como referências básicas as obras: *Ciência e Comportamento Humano* (SKINNER, 1953/2005), *Comportamento Verbal* (SKINNER, 1957), *Contingências de Reforçamento* (SKINNER, 1969a) e *Sobre o Behaviorismo* (SKINNER, 1974).

Seguindo os motes do diálogo entre os dois autores, o Capítulo 7- *Controle social e subjetividade* - versará sobre as concepções de controle social e poder em Skinner, ou seja, das práticas institucionalizadas de governo, que recebem em sua obra o nome de “Agências de Controle”. O controle social é reconhecidamente a principal fonte de controle do comportamento humano para o behaviorismo radical e dentre as diversas agências de controle contemporâneas, Skinner se dedicou a examinar o governo e a lei; a educação; a religião; a economia; e a psicoterapia (SKINNER, 1953/2005). De maneira geral, essas instituições, nascidas na modernidade, valem-se das noções - caras ao capitalismo - de liberdade e de

dignidade: o controle é exercido levando em consideração o mérito e a responsabilização individuais. Nesse sentido, serão apresentadas e discutidas nessa seção o exame skinneriano do controle social e das agências de controle contidos na obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2005), bem como os principais argumentos contidos na crítica skinneriana ao homem autônomo, extraídas da obra *Para além da liberdade e da dignidade* (1971/1976). Também será abordada a discussão da ética no behaviorismo radical, questionando, primariamente, a possibilidade de compreensão de um comportamento ético, assumindo as premissas do controle ambiental sobre o indivíduo. A questão a ser colocada é: em que medida se pode falar em conduta ética, uma vez que esta tradicionalmente pressupõe a autonomia do sujeito face às suas “necessidades” e às demais demandas do ambiente. Essa discussão será norteadada pelos argumentos apresentados em *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2005) e *Sobre o Behaviorismo* (1974). Adicionalmente, se apresentará a possibilidade de pensar uma prescrição ética a partir dos pressupostos de uma ciência do comportamento humano, ou ao menos das prescrições morais contidas no romance utópico *Walden Two* (1969/1972).

No Capítulo 8 serão tecidos alguns dos possíveis diálogos entre as obras de Michel Foucault e B. F. Skinner sobretudo no que tange às discussões epistemológicas e a determinação social do sujeito, das condutas humanas em geral. Por fim, seguem-se breves considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi dito no início do trabalho, o objetivo desta pesquisa não era de esboçar ou de formalizar uma leitura foucaultiana de Skinner ou uma análise skinneriana da obra de Foucault. Ainda assim é oportuno apresentar alguns elementos. O behaviorismo radical, sob uma perspectiva foucaultiana, poderia ser facilmente encarado como uma das práticas de controle disciplinar. Há avaliações diagnósticas para se detectar o que fazer, uma série de sanções positivas e negativas para se alcançar objetivos, e avaliações periódicas para se checar o status de evolução das intervenções. Seria perfeitamente uma técnica disciplinar, assim como as estudadas por Foucault, não fosse o fato de não produzir interioridade. Esse fato não se constituiu apenas em um detalhe. A interioridade, as formas identitárias ou de personalidade, têm por objetivo último culpabilizar o indivíduo por sua situação atual e, com isso, fazer com que a ação corretiva recaia sobre o indivíduo, com o intuito de modificar essas supostas causas interiores. Pode-se agir sobre as almas desviantes ou delinquentes uma vez estabelecidas suas características definidoras, de maneira preventiva, sem que se tenha de fato cometido qualquer delito. Mais uma vez, a ação recai sobre o indivíduo. Algumas das práticas higienistas exemplificam essas ações e essas não podem ser confundidas com empreendidas pelos behavioristas.

Aliás, nada mais contrário às proposições behavioristas do que tais práticas. Como foi visto, para o behaviorismo o homem não é um agente livre que se autodetermina, então, as causas de suas condutas devem ser buscadas em sua história de intercâmbio com o meio físico e social. Dessa forma, as mudanças comportamentais a serem planejadas devem agir sobre o ambiente e não sobre a pessoa. E, como as causas não devem ser procuradas no indivíduo, seja no plano mental ou orgânico, não há algo como uma psicopatologia a ser tratada (SKINNER, 1953/2005; 1974). O analista do comportamento, por isso, tem sempre que se colocar o questionamento ético sobre o comportamento a ser modificado: por que deve ser modificado? E a quem serve essa modificação? A concepção de uma patologia permite que essa reflexão não seja feita, pois se há algo de errado com o indivíduo, esse mal deve ser corrigido. É evidente que a não necessidade de se postular patologias não é garantia de que reflexões éticas sejam realizadas e Holland (1978) foi um dos primeiros a denunciar que as práticas de analistas do comportamento estavam contribuindo para a manutenção do *status quo*.

O fato é que Foucault não dirigiu suas críticas ao behaviorismo seja por não se aplicarem ou pela falta de expressão dessa escola de pensamento no contexto intelectual francês. Nem tampouco pode se aplicar as críticas dirigidas à psicologia e às demais ciências humanas ao behaviorismo, uma vez que, embora sua cientificidade possa ser questionada (QUIESA, 2006), definitivamente o behaviorismo skinneriano não é parte das ciências humanas tal qual Foucault (1966/2000) as descreveu.

Pode-se também ensaiar uma análise skinneria superficial da obra de Foucault. Não, evidentemente, de todo o comportamento que compõe sua obra, mas uma análise mais geral, que classificaria a obra do filósofo francês como uma literatura da liberdade, criticada por Skinner (1971/1976). A obra foucaultiana, sobretudo a partir da década de 1970, poderia ser elencada como uma literatura da liberdade na medida em que visa fornecer subsídios para a luta contra formas de dominação e o controle social das condutas. A crítica que Skinner remete a esse tipo de literatura se dá quanto às consequências de se conceber o poder (ou o controle) como algo eminentemente mal. Os teóricos da liberdade buscam a libertação das formas de controle social, mas como concebem o poder como o “mal”, não empreendem suas análises para além das tecnologias de controle aversivo. Além dessa deficiência na análise, acreditam ser possível existir uma sociedade sem controle, formada por homens livres e autônomos. Essa perspectiva, evidentemente, desconsidera a determinação ambiental (física e social) do comportamento, apelando para uma concepção de sujeito livre, autodeterminado.

Ora, uma leitura um pouco mais atenta da obra de Foucault pode facilmente por fim a esse engodo. Foucault, de fato, empreende uma crítica desnaturalizante às formas de controle social, sobretudo as que estão presentes desde a modernidade. Seu objetivo é o de não ser governado, mas de não o ser dessas formas específicas, as que se encontram presentes desde a modernidade (FOUCAULT, 1978/2000b). O filósofo francês não concebe como sendo possível uma sociedade livre de relações de poder e está distante de uma perspectiva que suponha um sujeito autodeterminado ou constituinte. Pelo contrário, sua filosofia adota uma postura antiessencialista que visa, justamente, a fornecer indícios da produção do sujeito pelas relações de saber/poder.

Contudo, afora as digressões apresentadas acima, há que se sumarizar algumas das convergências e divergências no pensamento dos autores estudados quanto às suas concepções de conhecimento (e de verdade) e à dimensão da determinação social da subjetividade e dos comportamentos em geral. Com relação à construção do conhecimento (ou do saber), ambos autores rejeitam as concepções racionalistas e empiristas, bem como as ontologias realista e idealista. O conhecimento não é uma relação entre um sujeito e um objeto preexistentes à própria relação. No behaviorismo radical, que compreende o conhecimento como comportamento, há mesmo um impedimento de se pensar além disso, a percepção e o discurso são condicionados – a primeira parcialmente e o segundo totalmente – pela comunidade verbal. São, portanto, em maior ou menor medida, contingentes às práticas sociais de determinada época. A percepção, o discurso, o conhecimento (a verdade), não são entendidos, portanto, como representações da realidade.

Na analítica Foucaultiana, sujeito e objeto também são totalmente determinados por práticas sociais, mas seu enfoque é diverso. Enquanto Skinner analisa o conhecimento partindo do indivíduo (ou organismo), Foucault se interessa por estudar apenas a formação e transformação das práticas discursivas e dos regimes de saber/poder de um ponto de vista histórico-social. A Foucault não interessa como foram realizadas as descobertas, os obstáculos e suas superações alcançadas pelos indivíduos. O horizonte de sua análise histórica (arqueológica ou genealógica) é tão somente o dos regimes de verdade, que delimitam em determinada época o que pode ser percebido e dito. Os regimes de verdade e os saberes também não conformam uma representação do mundo, mas ao contrário do afirmado no pensamento skinneriano, os critérios de verdade não são pragmáticos, mas arbitrários. É mister, aqui, fazer uma ressalva, a de que Foucault restringiu suas análises – e não realizou extrapolações para além de suas investigações – ao âmbito da medicina e das ciências humanas, o que traz dificuldades para se inferir sobre a pertinência dos critérios de verdade em outras ciências. Em todo o caso, o filósofo francês postula uma ontologia histórica, que não interroga sujeito e mundo desde uma perspectiva essencialista, mas historicamente contingente. As questões dessa ontologia não são mais sobre o que é o mundo ou o sujeito, mas “O que é que se passa nesse momento? O que é que nos acontece? Qual é este mundo, este momento preciso no qual vivemos?”. Ou, para dizer as coisas de outro modo: “Quem somos nós?” (FOUCAULT, 1984/2006f, p. 174).

Quanto à determinação da subjetividade, bem como das condutas humanas em geral, ambos os autores se posicionam contra a ideia de um sujeito autônomo, autodeterminado, tal como foi discutido nos capítulos anteriores. As determinações são ambientais, mas as análises foucaultianas limitaram-se às determinações sociais das condutas pelas relações de saber/poder, enquanto Skinner privilegia também o controle exercido pelo ambiente físico não social.

O comportamento ético nos dois pensadores como um autocontrole, cuja determinação deve ser encontrada nas práticas culturais. Contudo, para Skinner (1953/2005), o comportamento ético é definido apenas como comportar-se para o bem de outras pessoas, do grupo ou da sociedade, enquanto para Foucault (1984/1998), é entendido como uma prática da liberdade (posto que é o domínio e o cuidado de si) com vistas à uma estética da existência. A ética skinneriana prescreve o valor de sobrevivência da espécie como meta do planejamento cultural, enquanto a ética foucaultiana prescreve apenas que se invente novas formas de existência, não alinhadas ao controle institucionalizadas presentes na sociedade.

Cabe enfatizar, também, que a evolução das práticas culturais (práticas de controle, e aqui se inclui também os saberes ou o conhecimento) se dão, tanto para o behaviorismo radical, quanto para a filosofia foucaultiana, de maneira não teleológica. Isso fica claro nos estudos históricos realizados por Foucault, posto que o filósofo francês visa evidenciar as rupturas e descontinuidades entre as diferentes formas de produção de saber/poder. Igualmente, o modelo de seleção por consequências no nível cultural também não deixa espaço para qualquer tipo de direcionamento histórico, com a clara excessão do progresso cumulativo do saber científico, apresentado na seção anterior.

Por fim, é o momento de ensaiar uma resposta, ainda que breve, ao questionamento direcionado a Chomsky por Fons Elders sobre a maneira “mais ou menos behaviorista com que o senhor Foucault trabalha recentemente.” (FOUCAULT, 1974/2006a, p. 108). Parece claro diante do que foi apresentado que Foucault não procedia de forma behaviorista. Se Fons Elders foi capaz de estabelecer essa relação foi devido ao fato de as perspectivas, tanto foucaultianas quanto skinnerianas, não apelarem para explicações essencialistas que se valem da figura do homem como ser autônomo; bem como, da história, do desenvolvimento das culturas, como um desenrolar de uma teleologia. Se se pôde comparar essas duas formas díspares de pensamento foi na medida em que elas se constituem em formas de anti-humanismo.

REFERÊNCIAS

ABIB, José Antônio Damásio. Cenário de uma revolução psicológica. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. XVIII, Número Especial, p. 27-39, 2016.

_____. Teoria moral de Skinner e desenvolvimento humano. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 14, n.1, p. 107-117, 2001a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 de Dez. 2016.

_____. Behaviorismo radical como pragmatismo na epistemologia. In: Guilhardi, Hélio et al., (Orgs.). **Sobre Comportamento e Cognição**, v. 8, Santo André: ESETec, 2001b. p. 140-142.

_____. O contextualismo do comportamento verbal: a teoria skinneriana do significado e sua crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.10, n. 3, p. 473–487, 1994.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ATTERTON, Peter. Power's blind struggle for existence: Foucault, genealogy and Darwinism. **History of the human sciences**, V. 7 N. 4, p.1-20, 1994.

CAILLAT, François. Foucault contre lui même. Paris Filmes, 2014.

CARRARA, Kester. **Behaviorismo radical**: crítica e metacrítica. Marília: UNESP; São Paulo: FAPESP, 2005. 438 p.

_____. **Uma ciência sobre “coisa” alguma** [recurso eletrônico]: relações funcionais, comportamento e cultura. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. 187 p.

CATANIA, A. Charles. **Aprendizagem**: comportamento, linguagem e cognição. Tradução de Deisy das Graças de Souza et. al., Porto Alegre: Artmed, 1999. 470 p.

CHIESA, Mecca. **Behaviorismo Radical**: a Filosofia e a Ciência. Brasília: Editora Celeiro, 2006.

CRUZ, Bruno Lorenzatto Pereira da. **A filosofia anti-humanista de Michel Foucault**: questões sobre história e liberdade. 2012. 97 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Departamento de Filosofia. Rio de Janeiro, 2012.

CRUZ, Robson Nascimento da; CILLO, Eduardo Neves Pedrosa de. Do mecanicismo ao selecionismo: uma breve contextualização da transição do behaviorismo radical. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 3, p. 375-385, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722008000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Nov. 2013.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005. 143 p. (Trabalho original publicado em 1986).

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto-Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 299 p.

DITTRICH, Alexandre. **Behaviorismo radical, ética e política: Aspectos teóricos do compromisso social**. 2004. 480f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de São Carlos. Departamento de Filosofia. São Carlos, 2004.

_____. Introdução à filosofia moral skinneriana. In: Costa, Carlos E.; Luzia, Josiane C.; Sant'Anna, Heloísa H. N. (Orgs.). **Primeiros passos em análise do comportamento e cognição**. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2003, p. 11-24.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. 244 p.

EWALD, François. Michel Foucault. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de. (Org.). **Michel Foucault: O dossier – últimas entrevistas**. Rio de Janeiro: Taurus, 1984. pp. 71-73.

FLORES, Eileen Pfeiffer; BATISTA, Miguel Vieira; FAGG, Juliana; CAVALCANTI, Hugo Oliveira Figueiredo. B.F. Skinner e a modernidade: Notas a partir de uma comparação com M. Foucault. **Acta comport. [online]**, v. 20, n.2, p. 185-199, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Maladie mentale et personnalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

_____. **Doença mental e psicologia**. Tradução de Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975. (Trabalho original publicado em 1962).

_____. Genealogia e Poder. In: _____. **Microfísica do poder**. 3ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979a. (Trabalho original publicado em 1976).

_____. Soberania e Disciplina. In: _____. **Microfísica do poder**. 3ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979b. (Trabalho original publicado em 1976).

_____. Sobre a prisão. In: _____. **Microfísica do poder**. 3ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979c. (Trabalho original publicado em 1976).

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. **Microfísica do poder**. 3ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979d. (Trabalho original publicado em 1971).

_____. Verdade e poder. In: _____. **Microfísica do poder**. 3ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979e. (Trabalho original publicado em 1977).

_____. Power, moral values, and the intellectual. **Jornal History of the Present**, v. 4, n. 1-2, p. 11-13, 1988. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20150319131235>. Acesso em: 25 de ago de 2016. (Entrevista concedida a Michel Bess em 3 nov. 1980).

_____. Foucault répond à Sartre. In: La Quinzaine Littéraire, n. 46. In: _____. **Dits et écrits 1954-1969**. Paris Gallimard, 1994. (Trabalho original publicado em 1968).

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a. p. 231-250. (Trabalho original publicado em 1982).

_____. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b. p. 253-278. (Trabalho original publicado em 1983).

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996a. (Trabalho original publicado em 1970).

_____. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. In: Pelbart, Peter Paul; Rolnik, Sueli. (Org.). **Cadernos de subjetividade** (número especial sobre Gilles Deleuze). São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos de Pós-Graduados da PUC/SP, 1996b. (Trabalho original publicado em 1977).

_____. **História da sexualidade (vol. 2): o uso dos prazeres**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. (Trabalho original publicado em 1984).

_____. **História da sexualidade (vol. 1): a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. São Paulo: Graal, 1999. (Trabalho original publicado em 1976).

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Martins Fontes, 2000a. (Trabalho original publicado em 1966).

_____. **“O que é crítica? [Crítica e *Aufklärung*]”**, 2000b. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/critica.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2015. (Trabalho original publicado em 1978).

_____. **A Verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau, 2001. (Trabalho original publicado em 1974).

_____. Tecnologia política dos indivíduos. In: Motta, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos (vol. 5) - Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, p.302-318. (Trabalho original publicado em 1984).

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade In: Motta, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos (vol. 5) - Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b, p.265-288. (Trabalho original publicado em 1984).

_____. Polêmica, Política e Problematizações. In: Motta, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos (vol. 5)** - Ética, Sexualidade e Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c, p.265-288. (Trabalho original publicado em 1984).

_____. Governamentalidade. In: _____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005a. (Trabalho original publicado em 1976).

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005a. (Trabalho original publicado em 1976)

_____. **História da Sexualidade (vol. 3)**: os cuidados de si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2005b. (Trabalho original publicado em 1984).

_____. Da Natureza Humana: Justiça contra Poder. In: Motta, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos (vol. 1)** - A Problematização Do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Tradução de Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. (Trabalho original publicado em 1974).

_____. A psicologia de 1850 a 1950. In: Motta, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos (vol. 1)** - A Problematização Do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Tradução de Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. (Trabalho original publicado em 1957).

_____. Introdução (in Biswanger). In: Motta, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos (vol. 1)** - A Problematização Do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Tradução de Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c. (Trabalho original publicado em 1954).

_____. Poder e Saber. _____. **Ditos & Escritos (vol. 4)** - Estratégia, poder - saber. 2.ed. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006d. (Trabalho original publicado em 1977).

_____. Da arqueologia à dinástica. In: Motta, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos (vol. 4)** - Estratégia, poder - saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006e, p 48-60. (Trabalho original publicado em 1973).

_____. O Que São as Luzes? In: Motta, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos (vol. 2)** - Estratégia, poder - saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006f. (Trabalho original publicado em 1984).

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. (Trabalho original publicado em 1969).

_____. **Segurança, território, população**: curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b. (Trabalho original publicado em 1978).

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 36. ed, 2009. (Trabalho original publicado em 1975).

_____. Não ao sexo Rei. In: Motta, Manoel Barros da (Org.). **Ditos & Escritos (vol. 3) – Literatura e Pintura, Música e Cinema.** Tradução de Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (Trabalho original publicado em 1977).

_____. **A Hermenêutica do Sujeito:** curso dado no Collège de France (1981 - 1982). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Trabalho original publicado em 1982).

_____. **O nascimento da clínica.** Tradução de Roberto Machado. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2013. (Trabalho original publicado em 1963).

FOUCAULT, Michel., et al. **O homem e o discurso:** a arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1971.

FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e a constituição do sujeito.** EDUC- Editora da PUC-SP, 2011. 144 p.

GONGORA, Maura Alves Nunes. Noção de psicopatologia na análise do comportamento. In: Costa, Carlos E.; Luzia, Josiane C.; Sant'Anna, Heloísa H. N. (Orgs.). **Primeiros passos em Análise do Comportamento e Cognição (Vol. 2).** Santo André, SP: ESETEC Editores Associados, 2003, p. 93-109.

GOULD, Stephen Jay. **O polegar do panda.** São Paulo: Martins Fontes, 1989. 298 p.

HABERMAS, Jurgen. **O discurso filosófico da modernidade.** São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2000. 544 p.

HAN-PILE, Béatrice. The "Death of Man": Foucault and anti-humanism. In: O'Leary, T.; Falzon, C. (Orgs.). **Foucault and Philosophy.** Wiley-Blackwell: Oxford, 2010.

HESSEN, Joannes. **Teoria do conhecimento.** Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter e revisão técnica de Sérgio Sérvulo da Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOLLAND, James G. Behaviorism: Part of the problem or part of the solution? **Journal of Applied Behavior Analysis**, v. 11, n. 1, p. 163-174, 1978.

KOFFKA, Kurt. **Principles of gestalt psychology.** New York: Harcourt, Brace & Company, 1935.

KRAEMER, Celso. **Ética e liberdade em Michel Foucault:** uma leitura de Kant. 2008. 300 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

LONČAREVIĆ, Katarina. Foucault's genealogy as epistemology. **Belgrade Philosophical Annual 26**, Belgrade: University of Belgrade Presses, p. 65-81, 2013.

LOPES, Carlos Eduardo. O projeto de psicologia científica de Edward Tolman. **Sci. stud. [online]**, v.7, n.2, p. 237-250, 2009.

LOPES, Carlos Eduardo. Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 10, n. 1, p. 1-13, 2008.

LOPES, Carlos Eduardo; LAURENTI, Carolina; ABIB, José Antônio Damásio. **Conversas pragmatistas sobre comportamentalismo radical**: mundo, homem e ética. Santo André, SP: Esetec, 2012.

LOPES, Carlos Eduardo; ABIB, José Antônio Damásio. O Behaviorismo Radical como filosofia da mente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 1, p. 85-94, 2003.

MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. págs.VII a XXIII.

_____. **Ciência e saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

_____. **Foucault**: a ciência e o saber. 4ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MAIA, Antônio C. Sobre a analítica do poder de Foucault. **Tempo Social Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 7, n. 1-2, out.1995, p. 83-103.

MAGALHÃES, Beatriz L. A.; COSTA, A. M. O Flogisto na Gênese das Teorias de Lavoisier. **Química**, v. 53, p. 9-14, 1994.

MELO, Camila Munchon. **A concepção de Homem no Behaviorismo Radical e suas implicações para a Tecnologia do Comportamento**. 2008. 359f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia de São Carlos. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975. (Trabalho original publicado em 1942).

MIGUENS, Sofia. **Filosofia da Linguagem** - uma introdução. Porto: FL-UP, 2007. 291 p.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. Humanismo e anti-humanismo Foucault e as desventuras da dialética. **Nat. hum.[online]**, v.6, n.2, São Paulo, p. 171-234, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302004000200001. Acesso em: 12 de jan. 2015.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**: a natureza humana. 6.ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1999. 224 p.

NICHOLS, Robert. **The world of freedom**: Heidegger, Foucault, and the politics of historical ontology. Stanford University Press, 2014. 258p.

NOTO, Carolina de Souza. **A ontologia do sujeito em Michel Foucault**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo, 2009.

OGDEN Charles. Kay; RICHARDS Ivor Armstrong. **The Meaning of Meaning**. A study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1923.

O'DONOHUE, William; KYLE E. Ferguson. **The Psychology of B. F. Skinner**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc., 2001. 286 p.

PADEN, Roger. "Foucault's Anti-Humanism." **Human Studies**, v. 10, n. 1, pp. 123–141, 1987. Disponível em: www.jstor.org/stable/20008991. Acesso em: 31 de dez. 2016.

QUINTANEIRO, Tânia. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 156p.

RIBAS, Thiago Fortes. **Arqueologia, verdade e loucura: considerações sobre o pensamento de Foucault entre 1952-1962**. 2011. 114f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

ROCCA, Julia. **O conceito de símbolo em Sidman e Skinner - Uma análise epistemológica**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP, 2012.

ROUANET, Paulo Sérgio. A gramática do homicídio. In: _____. **O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault**. Comunicação 3. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1971, p. 91-138.

RORTY, Richard. Foucault and Epistemology. In David Couzens Hoy (ed). **Foucault: a critical reader**, p. 41–50. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

SÁ, Celso Pereira. Sobre o poder em Foucault e o controle em Skinner. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.35, n. 2, p.136-145, 1983.

_____. **O behaviorismo radical de B.F. Skinner e sua aplicabilidade socialmente relevante**. 1985. Tese (Doutorado em Psicologia). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1985.

SANCHES, Raphael Rodrigues. **Delenda proibicionismo: apontamentos críticos ao paradigma de guerra às drogas**. 2010. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis-SP, 2010.

SIMMEL, Georg. Como as formas sociais se mantém. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-58. (Trabalho original publicado em 1898).

SKINNER, Burrhus Frederic. Are theories of learning necessary? **Psychological Review**, v. 57, p. 193-216, 1950.

_____. Freedom and the control of men. **The American Scholar**, v. 25, n. 1, p. 47–65, 1955.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Verbal behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

_____. Reinforcement today. In: _____. **Cumulative record**. New York, NY: Appleton-Century-Crofts, 2.ed., 1961. (Trabalho original publicado em 1958).

_____. The role of the environment. In: _____. **Contingencies of reinforcement**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1969a, p. 3-28. (Trabalho original publicado em 1963).

_____. Behaviorism at fifty. In: _____. **Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1969b, p. 221-268. (Trabalho original publicado em 1963).

_____. An operant analysis of problem solving. **Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1969b, p. 221-268.

_____. Prefácio da edição americana de 1969. In: _____. **Walden II: Uma sociedade do futuro**. Tradução de R. Moreno e N.R. Saraiva. São Paulo: EPU, 1972, p. 01-03. (Trabalho original publicado em 1969).

_____. **About behaviorism**. New York: Knopf, 1974.

_____. **Beyond freedom and dignity**. New York: Bantam/Vintage Books, 1976. (Trabalho original publicado em 1971).

_____. ¿Somos libres para tener futuro? In: _____. **Reflexiones sobre conductismo y sociedade**, 1981a. (Trabalho original publicado em 1973).

_____. Selection by consequences. **Science**, v. 213, 1981b, p. 501-504.

_____. **Recent issues in the analysis of behavior**. Columbus: Merrill Publishing Company, 1989.

_____. Can psychology be a science of mind? **American Psychologist**, v. 45, p. 1206-1210, 1990a.

_____. To Know the Future. **The Behavior Analyst**. v.13, p. 103-106, 1990b.

_____. **Cumulative Record**. Appleton: New York, p. 372-382, 1999. (Trabalho original publicado em 1945).

_____. **Science and human behavior**. Cambridge: The B.F. Skinner Foundation, 2005. (Trabalho original publicado em 1953).

WATSON, John B. Psychology as the behaviorist views it. **Psychological Review**, n. 20, p. 158-177, 1913.

_____. **Psychology: From the Standpoint of a Behaviorist**. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1919.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. Algumas notas sobre o conceito de poder em Skinner. **Psicologia Argumento**, v. 9, p. 29-39, 1989. Disponível em: <http://www.lidiaweber.com.br/Artigos/1989/1989AlgumasnotassobreoconceitodepoderemSkinner.pdf>. Acesso em: 12 de dez. 2015.

WEIZENMANN, Mateus. **Foucault**: sujeito, poder e saber. Pelotas: NEPFil online, 2013.

ZILIO, Diego. **A natureza comportamental da mente**: behaviorismo radical e filosofia da mente [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>